



ELEIÇÕES
na A.M.C.
4 de dezembro de 2021

SUMÁRIO

Eleições na A.M.C.

Apelo, Lista de Candidatos e Programa de Ação Páginas 2/5

Capuchos Digital

Inclusão e Proximidade Página 6

A Quinta da Estrelinha, O Vinho da Estrelinha e o Cantador Barnabé

por Alexandre Flores Páginas 7/10

Confinamentos

Excertos do livro “O Vidro Desabitado”
de Fernando Fitas Página 11

Os Mistérios da Lua Cheia

1º. episódio - O Passeio Noturno
Um conto de Paulo Figueiredo Páginas 12/15

Capuchos

Uma aguarela e um poema
de Carlos Canhão Página 16

As alterações climáticas e o COP26

de João Paulo Curto Páginas 17/20

Sempre chegamos a onde somos esperados...

de Um Morador Página 21

O Sonho

Cartoon de Ferrer Asturiano Página 22



**AMC – ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DOS CAPUCHOS
ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL**

04/12/2021

CIDADANIA *versus* ALHEAMENTO

APELO

O alheamento é uma atitude antissocial. Alhearmo-nos das eleições a que somos chamados a pronunciar-nos não é uma atitude de protesto. É uma atitude de quem se coloca à margem da sociedade, permitindo assim que outros decidam por si. Quer se trate de eleições legislativas, autárquicas, presidenciais ou, simplesmente, das eleições para os órgãos sociais da sua Associação de Moradores.

É certo que fazer-se sócio da associação que une os moradores da sua área de residência já é, em si, um acto de cidadania. É certo, também, que atravessámos, e ainda atravessamos, um período de pandemia que nos obrigou a grandes cuidados nos contactos uns com os outros. É, ainda, certo que, muitas vezes, o alheamento é apenas aparente e representa uma menor preocupação com a questão em causa, que julgamos estar segura.

Mas, neste momento, a nossa associação corre perigo. Corre o perigo de uma elevada abstenção ser entendida como desinteresse, ou desilusão, dos sócios pelos seus objectivos e, até, pela sua existência. Perdendo, assim, a força e a legitimidade que são fundamentais para a prossecução dos nossos objectivos.

VIZINHO! AMIGO!

A cidadania é, simultaneamente, um direito e um dever.

Não te alheies da tua associação, da tua autarquia, do teu país, do teu mundo...

A existência de toda esta estrutura social, a começar por esta tua Associação de Moradores, depende de ti, precisa de ti!

NÃO DEIXES DE PARTICIPAR!



**AMC – ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DOS CAPUCHOS
ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL**

04/12/2021

PROPOSTA DE LISTA PARA A DIRECÇÃO

- José Carlos Rodrigues Nunes, sócio nº. 7..... Presidente
- Ana Maria de Almeida Artilheiro, sócia nº. 3 Vice-Presidente
- Fernando Santos Silva, sócio nº. 19 Vogal
- Mário Jorge Nunes da Silva, sócio nº. 18 Vogal
- Paulo Jorge Figueiredo, sócio nº. 21 Vogal
- Cláudia Verónica Teles, sócia nº. 71 Vogal
- Gisela Maria Guilherme, sócia nº. 77 Vogal

Nota – Os cargos de Tesoureiro e Secretário serão atribuídos na primeira reunião da direcção.

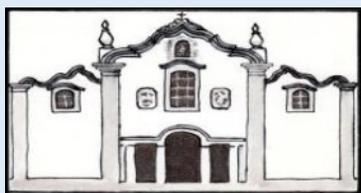
PROPOSTA DE LISTA PARA O CONSELHO FISCAL

- António Jorge Valentim, sócio nº. 28
- Maria Rosalina Nunes, sócia nº. 6
- Alda Soares Silva, sócia nº. 60

Nota – Os membros do Conselho Fiscal elegerão, de entre si, um Presidente, um Secretário e um Relator.

PROPOSTA DE LISTA PARA A MESA DA ASSEMBLEIA

- João Paulo Curto, sócio nº. 4 Presidente
- Ferrer Lopes Asturiano, sócio nº. 10 Vice-Presidente
- Ana Paula Madeira, sócia nº. 9 Secretária



**AMC – ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DOS CAPUCHOS
ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL**

04/12/2021

PROGRAMA DE AÇÃO DA DIREÇÃO

A Direção pretende desenvolver, já durante o seu primeiro ano de mandato, entre outras, as seguintes ações/atividades:

1. INFORMAÇÃO E CONSCIENCIALIZAÇÃO DOS MORADORES

1.1. Contactos com os moradores para transmitir a informação quanto à existência e objetivos da Associação e também para os sensibilizar para a vantagem de se tornarem sócios e/ou participarem na sua atividade;

1.2. Prosseguir com a já prestigiada publicação do jornal da Associação, “O ARRIBA”, envolvendo a indispensável participação de sócios e convidados. De notar que o “nosso jornal” muito tem contribuído para uma ampla divulgação da nossa associação.

2. MANUTENÇÃO E REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

2.1. Permanente atenção ao espaço público de intervenção da Associação/área dos Capuchos, visando a atempada identificação de situações a requererem retificação para, de imediato, as transmitir às entidades responsáveis pela implementação das correspondentes soluções. E, depois, pressionar no sentido de as referidas soluções se concretizarem;

2.2. Requalificação do espaço anteriormente ocupado pela antiga Escola Primária dos Capuchos, visando a implementação da proposta de solução já apresentada (jardim, parque infantil e colocação de aparelhos de ginástica);

2.3. Requalificação do espaço onde se encontra o importante miradouro panorâmico dos Capuchos;

2.4. Maior assiduidade e eficiência na limpeza de ruas e bermas;

2.5. Intervir junto da entidades competentes para que, com a devida regularidade, procedam à desmatação e limpeza de terrenos devolutos existentes na região;

2.6. Contactos com as correspondentes entidades, visando a modernização/melhoria do sistema dos ecopontos existentes e maior assiduidade na recolha do lixo.

3. MOBILIDADE SEGURA E TRANSPORTES PÚBLICOS

3.1. Repavimentação de ruas, preparação de passeios e de estacionamento de viaturas e introdução de sistemas de controlo de velocidade (lombas, semáforos, etc.);

3.2. Intervir junto das entidades competentes para que a próxima alteração na rede de transportes públicos, prevista para 2022, contemple as necessidades dos moradores e as características da região, sobretudo quanto a trajetos e horários.

4. HIGIENE E SEGURANÇA

4.1. Intervir junto das entidades competentes para que atuem no sentido de se proceder à demolição ou requalificação de construções que se encontrem em “estado de abandono”;

4.2. Sejam adotadas as adequadas medidas relacionadas com os animais abandonados, cães e gatos, que vagueiam pelas ruas dos Capuchos;

4.3. Solicitar a manutenção e tratamento dos pinheiros existentes na zona, evitando, em devido tempo, a multiplicação da “lagarta dos pinheiros”;

4.4. Pugnar por um melhor sistema de policiamento da região e resposta a pedidos de intervenção policial.

5. ACTIVIDADES CULTURAIS, DESPORTIVAS E DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA COLECTIVA

5.1. Estabelecer contactos com entidades e historiadores visando o apoio/intervenção para efeitos do estudo do importante património histórico da região dos Capuchos;

5.2. Estabelecer contactos com outras Associações, sobretudo do Concelho de Almada, não apenas para a divulgação da Associação e seus objetivos, mas também para a participação em atividades de interesse comum;

5.3. Na medida do possível e tendo em atenção os recursos disponíveis e a evolução da pandemia, organização de iniciativas relacionadas com a atividade física, a cultura e o lazer, por iniciativa da Associação ou em colaboração com outras Associações.

Capuchos Digital – Inclusão e Proximidade

Perante a necessidade de estabelecer “pontes” com outras entidades e concretamente com o comércio local, a AMC - Associação de Moradores dos Capuchos candidatou-se ao projeto “Bairro Feliz”, como vos demos conhecimento no “Arriba” de Setembro. A ideia-mãe foi bastante discutida, assim como avaliada a sua força solidária e a dinâmica da AMC, necessárias para a ideia poder avançar, tendo na pessoa do então Gerente do Pingo Doce dos Capuchos, Sr. José Gonçalves, um dos primeiros apoiantes.

Já conscientes do valor, da solidariedade e da justeza desta causa, candidatámo-nos, na perspetiva de se tratar de um projeto do Bairro, sobre o Bairro e para o Bairro, cumprindo as premissas de carácter social do concurso e que iria contribuir qualitativamente para a inclusão e a proximidade dentro e fora da nossa comunidade.

Fomos selecionados e, curioso, o Júri do Pingo Doce atribuiu-lhe a “Causa A”, selecionando também uma outra causa, a “Causa B”, apresentada pela APJCP – Associação de Pais da Escola Básica José Cardoso Pires, da Costa da Caparica, menos abrangente e mais específica nos objetivos para uma pequena comunidade escolar que não é do bairro nem da mesma freguesia... ainda assim, o Júri do Pingo Doce entendeu por bem, pôr causas socialmente tão diferentes em sufrágio, usando um método marcadamente mercantil e concorrencial...

O resto da história já todos conhecem... uns dias depois já se percebia que, para o público consumidor do Pingo Doce iria ser a “Causa B” a vencedora, a cujos representantes tivemos oportunidade de felicitar no dia da atribuição do prémio.



No entanto, e para lá de causas a concurso e de prémios, convém tirarmos algumas lições desta experiência:

- . A inclusão dos moradores associados e não associados, a sua proximidade e a dinâmica que daqui resultar são imprescindíveis no desenvolvimento e na concretização dos projetos da AMC;
- . As “pontes” com outras entidades, com outras associações e com o comércio local são fundamentais na construção de uma “rede” de necessidades, interesses, objetivos e vontades, cuja concretização seja possível pôr em prática com alguma autonomia e sem recurso a subsídios.

Foi a discussão à volta da ideia-mãe, do seu carácter solidário e de abertura que nos fez refletir sobre o nosso futuro coletivo e sobre a forma de lá chegar, sendo óbvios e indiscutíveis os dois pontos anteriores.

Resta-nos só umas palavras especiais para Vós, Associados, Moradores, Amigos que acreditaram neste Sonho, o nosso OBRIGADO.

JUNTOS SOMOS MAIS FORTES !!!

A Quinta da Estrelinha, O Vinho da Estrelinha e o Cantador Barnabé

Por **Alexandre Flores**

A Quinta da Estrelinha, uma das principais propriedades rústicas desta Outra Banda, remonta ao século XVIII, senão antes. Situada perto dos Capuchos (Caparica), no Outeiro, entre o Funchal e a Vila Nova, a quinta teve, ao longo dos tempos, vários proprietários, entre os quais: António Maria da Silva, distinto advogado nos auditórios de Lisboa (décadas de 1860-70); António Maria Bustorf da Silva (filho do anterior), presidente da Câmara Municipal de Almada, encontrando-se nos meados da década de 1890 na Ilha de S. Tomé; Joaquim Garcia de Castro; Maria Luísa de Castro e do Coronel Holbeche Correia de Freitas, filha e genro de Joaquim Garcia de Castro. A propriedade tem-se mantido na posse dos descendentes da prestigiada Família Castro.



Joaquim Garcia de Castro

Foto da coleção de Alexandre Flores

A Quinta, desde a centúria de oitocentos, era uma das mais pitorescas propriedades rústicas na região, ainda bem preservada nos nossos dias. Além da grande habitação senhorial, existiam dois pátios separados por instalações de garagem, adega, lagar, vasilhame, abegoaria, palheiro, arrecadações... No primeiro pátio, a adega principal tinha uma forma de túnel, por debaixo do prédio.



A Quinta da Estrelinha

Foto da Coleção de Eugénio Marques

Neste lugar de encantamento, realizavam-se várias confraternizações em ocasiões festivas entre familiares e amigos, principalmente no Verão. Nas décadas de 1930-50, era conhecido nas redondezas o grupo de jovens, então conhecidos por «rapazes da Quinta da Estrelinha», da família proprietária, aos quais se juntavam os filhos dos rendeiros e outros trabalhadores rurais da comunidade local.

A Quinta encontrava-se repartida por talhões e afins, cada um com o seu nome, como: o «talhão do Chaves» (por estar fronteiro à Quinta do Chaves, que ficava do

outro lado da estrada); a «Encosta da Eira»; a «Baixa das Barricas» (por haver abundância de água em poços improvisados com barricas); a «Cova da Raposa»; a «Baixa do Lameiro»; o «Pomar»; o «Talhão da Palmeira»; a «Horta de Cima»; a «Horta de Baixo», com seus poços, noras e tanques, incluindo a existência de um robusto caramanchão, com abundantes parreiras, muros e bancos de pedra cobertos de cortiça; o «Talhão do Moscatel», onde se produzia uva para o afamado vinho moscatel engarrafado depois na própria adega, com o rótulo “J. G. Castro – Vinho Generoso – Quinta da Estrelinha”. Para além da grande produção de trigo, milho, produtos hortícolas, batatas e frutas, destacava-se a produção anual de cerca de oitenta pipas de vinho tinto e branco de excelente qualidade.

O vinho da “Estrelinha”

O vinho da “Estrelinha” era muito apreciado pelas tabernas, tascas, pensões e outros estabelecimentos do concelho de Almada e arredores. A título de exemplo, a Cooperativa Almadense abastecia-se aqui, através das figuras típicas da região: Abel e Barnabé de Almeida (famoso cantador à desgarrada e ao desafio do mundo rural), que não deixavam fugir o vinho...

As vindimas realizavam-se quase sempre nos finais de Verão e princípios de Outono. Os habitantes mais idosos da região ainda se lembram da azáfama que envolvia a vindima, o ruído das tesouras no corte dos cachos, os cantares populares, o transporte dos cestos carregados de cachos de uvas em direcção ao lagar, etc. Nos trabalhos temporários, levados a cabo nas vindimas e noutras actividades agrícolas que exigiam prolongado esforço físico, vinham grupos

de trabalhadores rurais, sobretudo os da «Malta do Aturado» e os «Caramelos», estes geralmente da região da Tocha. Dos «Caramelos», salientou-se o grupo de trabalhadores do «Manuel Roças». Estes últimos vinham ganhar um pouco mais do que os «Faniqueiros» (que costumavam estar no Largo da Igreja do Monte, com os «Caramelos», aos domingos, à espera de alguém que os viesse contratar para trabalhos rurais) ou os de «Aturado». Desde a década de 1980, a exploração vinícola estava praticamente extinta nesta região da Outra Banda.

Desde os finais do século XIX até meados da década de 1980, vários caseiros, rendeiros e administradores passaram pela Quinta da Estrelinha, como: António Henriques, Vergílio Nunes (desde 1947).

O Cantador Barnabé, de Vila Nova de Caparica

Barnabé, do seu nome completo, Barnabé de Almeida Loio, foi, desde os princípios do século XX, um dos cantadores à desgarrada e do desafio do mundo rural da "Outra Banda". A vizinhança de Vila Nova, Charneca, Sobreda e de outros lugares da antiga freguesia de Nossa Senhora do Monte de Caparica, apreciava os cantares ao desafio, também como a desgarrada, improvisando, desafiando e respondendo ao outro cantador ou à outra cantadeira. Os cantares eram, por vezes, acompanhados por tocadores de harmonium (nos quais se destacaram os irmãos José e Agostinho Bengala, das "Terras da Costa") ou de concertina (acordeão de três filas) e quase sempre em rima. Faziam parte de tradições do Norte do País que foram trazidas, desde a segunda metade do século XIX, por trabalhadores rurais.

Barnabé de Almeida, figura afável e estimada no concelho de Almada e arredores, residente em Vila Nova de Caparica, era fazendeiro e comerciante de compra e venda de vinhos produzidos em várias quintas da região. A sua presença era solicitada, não só em convívios de amigos e familiares nas adegas das quintas da Estrelinha, da Mata, do Chaves, da Aldeia, dos Pilotos, do Cebolal, de S. Francisco dos Matos e outras propriedades, como também em tabernas e adegas de reputados comerciantes e lavradores locais, como de José Casimiro Gomes e seu filho Mário Casimiro na Charneca; na adega de Miguel Ribeiro Capitão em Vila Nova, cujos clientes acorriam também para ouvir a "máquina falante" (gramofone); na taberna típica do Rachador, no lugar dos Pilotos. E, ainda, em ocasiões festivas com bailaricos, onde se bailava e cantava até ao romper do Sol.

No primeiro quartel do século XX, compulsamos algumas referências na imprensa sobre a presença do carismático cantador Barnabé nas festas da vila de Almada e do concelho, que apresentavam filarmónicas, barracas de tómbolas, de petiscos e bebidas, fogo de artifício. Nas festas que se realizavam na quinta de S. Francisco dos Matos, em Lazarim, junto à encantadora capela, a sua presença era sempre garantida, talvez pelo facto de ser amigo pessoal do lavrador João Luís Ferreira (dono desta quinta), então morador na Charneca.

Barnabé de Almeida cantava à desgarrada com outros cantadores da época, como por exemplo, com Eduardo Macaréu. Este cantador (que residia na Vila Nova) a conversar gaguejava muito, mas a cantar deixava de gaguejar. Havia uma cantadeira bonita, de estatura baixa, uma mulherça agradável de ouvir que se chamava «Maria

da Charneca». Acontecia, por vezes, estabelecer-se despique entre cantador e cantadeira.



Este ambiente festivo pode ser observado na bonita foto (col. A. Flores), datada de 12 de Agosto de 1923, reconhecendo-se, à frente da «Tômbola das Garrafas de Bebidas», da esquerda para a direita; João Luís Ferreira, Barnabé de Almeida, Armando Castelo e Joaquim Henriques. sendo os três últimos residentes da Vila Nova de Caparica e da Estrelinha.

Os cantadores iniciavam com uma história em torno de um assunto ou de uma figura local que depois tendia em ambientes de bem-dizer ou maldizer, de amor, de fé, de caridade. Outras vezes, começavam nas cantigas por uma frase que era sempre a mesma para uma ou mais cantigas. Durante algum tempo foi: «Carolina Augusta!». E na continuação, adaptava-se ao sexo feminino ou masculino. Por exemplo:

Carolina Augusta!
Carolina de Vale Rosal
O meu par é a mais linda
Que aqui está neste arraial.

Ou

Carolina Augusta!
Carolina da Conceição
Se acaso te ofendi
Desde já peço perdão!

Ou se era a rapariga quem cantava:
 Carolina Augusta!
 Carolina de Vale Rosal
 O meu par é quem mais canta
 aqui no nosso arraial.

Mas, de vez em quando, entravam no campo de ironia e despique, como sucedeu num caso passado num arraial na Charneca, nos meados da década de 1920. Entre a numerosa assistência encontravam-se duas raparigas irmãs de baixa estatura, e estava também o jovem cantador de nome Barnabé. Ele cantou qualquer coisa, e uma delas respondeu com alguma ironia e a rebater. Ele cantou novamente e respondeu-lhe a outra rapariga, também a rebater, em tom irónico. Então o cantador, que tinha facilidade em improvisar, cantou a seguinte quadra, já um tanto contundente:

Cá pr'ó sítio da Charneca
 Há uma fábrica ou engenho
 Que fabrica as raparigas
 Todas do mesmo tamanho!

E, como ela era muito baixinha cantou a seguir:

Menina que estás sentada
 Levanta-te. Põe-te em pé!
 Se queres vir à desgarrada
 Com o cantador Barnabé!



Foto tirada nas festas de S. Francisco dos Matos, em 1923, reconhecem-se, da esquerda para a direita: Barnabé de Almeida, João Luís Ferreira, Eduardo de Almeida Henriques, Armando Castelo, as meninas Ana Vaz Pereira, Ilda Capitão e três crianças.

De quando em quando, Barnabé era convidado para alegrar almoços e outras ocasiões festivas, como as festas de S. Francisco dos Matos ou um almoço organizado por um grupo de pessoas na Estrelinha.



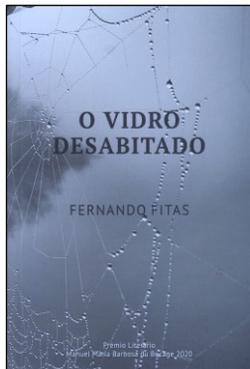
Caldeirada realizada na quintinha de Abílio Vieira, na Estrelinha, em 1932, reconhecendo-se as duas primeiras figuras, da esquerda para a direita: Cipriano Nunes dos Santos e Ricardo Carvalho. Nesta foto não se consegue identificar o referido industrial Abílio Vieira, o fazendeiro Barnabé de Almeida e outros convidados.

Foi o que sucedeu, no Verão de 1932, numa caldeirada, à sombra das árvores, organizada na quintinha de Abílio Vieira, (industrial corticeiro da Cova da Piedade), situada na Estrelinha. Além da presença de Abílio, Barnabé e outros convidados, a caldeirada foi confeccionada por dois componentes do grupo: Ricardo Carvalho (de panamá branco), comerciante de Lisboa, e o almadense Cipriano Nunes dos Santos (de gravata), famoso guarda-redes titular, durante anos, do Sporting Clube do Portugal. A caldeirada estava uma especialidade e o vinho era «Caparica» do bom, o que, em certa altura, levou Barnabé a dizer alegremente: «O Cipriano que tantos golos tem evitado, hoje muitos "golos" tem provocado!». No convívio ao ar livre reinava a boa disposição no grupo.

Alexandre Flores

(Texto e imagens inéditas. Direitos reservados)

Confinamentos



Fernando Fitas (Campo Maior, Alentejo, 1957). Jornalista e poeta.

“*O Vidro desabitado* aprecia-se na sua condição de um livro de poesia, construído sob a essência de uma intenção que nos remete para um tempo vivido sob os desígnios de uma pandemia, que nos afeta e que põe do avesso as nossas vidas. Se, pela substância e atualidade nos desafia a uma leitura atenta, não menos nos fica o gosto de seguirmos a mão do poeta, habilidosa na metáfora e na imagem, conciliando o saber de nos levar numa cadência harmoniosa, a que o ouvido agradece e onde a alma encontra repouso nas palavras.” *(do posfácio do livro)*

Espreitamos pela fresta da janela o que não vemos
mas sentimos que o frescor da borrasca permanece,
como estes cortinados insensíveis que nos vedam o longe e a miragem,
se intentamos, porventura, olhar esse sinistro ser que se esquia e se esconde,
ou se disfarça apenas de uma adaga para emboscar a vida dos incautos,
com a sôfrega lâmina da voragem.

Por isso é que aqui estamos resguardados do vento e da geada,
da solitária morte dos mendigos, da miséria e da fome
e de outros perigos.

E como quem se veste de domingo, dormitamos,
para dizer somente: Estamos vivos.

Vivi a epidémica festa dos abraços, o tempo inebriante dos sorrisos
espontâneos, esse momento único em que o erguer dos punhos coloria avenidas,
pintando nas paredes os rostos e os misteres de outras claridades.

Tenho por isso a idade de quem temeu a guerra,
de quem fugiu à fome e se encontrou nas ruas
ocupadas pelos tanques, tomadas pelos cravos,
folgando como um bêbado, dançando como um louco.

Hoje não saio de casa porque as ruas não são espaços de liberdade:
guardam no empedrado a sinistra ameaça de algo silencioso,
algo que não conheço e me pode calar sem que eu me aperceba,
trazendo-me à memória a presença daqueles que se assomavam
às esquinas, com um ar tenebroso.

Fico à janela não para ver quem passa. Aquartelei-me aqui,
como se esta vidraça fosse a minha trincheira,
o lugar onde espero que chegue a hora exacta de levantar o braço,
erguer de novo o punho e entoar a Grândola, a plenos pulmões,
como um rio que transborda, exigindo somente o seu quinhão de espaço,
sua parte da casa.

OS MISTÉRIOS DA LUA CHEIA

Primeiro Episódio

O passeio nocturno

Um conto de Paulo Figueiredo

Em tempos bem distantes, o convento dos Capuchos era lugar de recolhimento, morada para quem à fé se entregava e que da maldade humana procurava refúgio, mas para a Natureza era uma janela aberta. Apenas alguns passos separavam o convento da arriba sobranceira aos terrenos agrícolas e ao extenso areal; assim que se alcançasse a arriba, era como se as portas do mundo se escancarassem. A sul, o Cabo Espichel; a norte, Lisboa e a serra de Sintra; em frente, as praias da Caparica e o Atlântico sem fim.

Os tempos foram mudando, o convento deixou de ser um lugar isolado, à sua volta outra gente com outros costumes ali escolheu construir a sua vida. Um velho moinho de vento, testemunha de uma época em que a Natureza ajudava a moer o cereal com que se fazia o pão, em ruínas ia resistindo, à espera que alguém se lembrasse dele. A partir deste, uma azinhaga povoada por grandes quintas estendia-se até a uma zona de mato que, decerto por boa razão, era conhecida como Mata dos Medos.

Uma dessas quintas, outrora abandonada, conhecia agora novo proprietário, na pessoa de um tal Ventura, seduzido pela tranquilidade, pela vista deslumbrante e pela proximidade da praia. A estabilidade e prestígio profissionais eram inquestionáveis, todavia o salário não lhe permitia aventuras financeiras, mas estando a quinta abandonada e através de uns quantos

contactos importantes adquiridos pela sua posição de inspetor da PIDE, tudo se compôs para realizar o negócio.

Naquele dia de Setembro de 1945, apeteceu-lhe chegar mais tarde à sede da polícia política e deixou-se ficar, atraído pela magnífica vista. O telefone tocou. Assim que atendeu, uma voz de comando, carregada de sotaque, fez-se ouvir:

- *Hallo* Ventura, fala Schneider! Chego amanhã a Lisboa às 12 h, preciso que me venha buscar a um sítio que se chama Rossio. Traga um carro, trouxe duas malas comigo.

- Mas como é que veio para Portugal?

- Foi horrível, de carro desde a Alemanha, depois conto.

Na tarde do dia seguinte, os dois homens chegaram à quinta do inspetor e este fez as apresentações.

- Maria, este é o Tenente Schneider.

Maria, cumprimentou-o com um sorriso forçado; tal não escapou ao alemão e este ignorou o desconforto da anfitriã.

Depois de lhe mostrarem a casa e o quarto onde ficaria, o tenente saiu com o inspetor.

Regressaram quase à hora de jantar. A refeição foi passada a falar, em inglês, de glórias passadas, Maria sorrindo como se entendesse o que diziam.

À noite, na cama, Maria não conseguia dormir.

- Ó António, aquele homem é alemão?
 - Sim, é.
 - Ó António, sabes que sempre que vou à missa rezo a Deus para que proteja o Sr. Dr. Salazar, sem ele não sei o que seria do nosso querido Portugal, salvou-nos do comunismo e salvou-nos da guerra, mas estes alemães... não me digas que isto é gente do Hitler. Que é que este homem veio para cá fazer?
 - Maria, estou cansado, fui buscá-lo, trouxe-o para aqui, tive que inventar uma desculpa para não ir trabalhar, fartei-me de andar com o gajo de um lado para o outro, agora quero é dormir, amanhã a gente fala.

No dia que se seguiu, Ventura não podia inventar mais desculpas, arranjou-se, tomou o pequeno-almoço, preparou-se para ir trabalhar. Ao passar a porta, estacou, voltou atrás, dirigiu-se à esposa:

- Maria, conheci o Schneider em Espanha durante a Guerra Civil, ele evitou que eu fosse morto por um cabrão de um republicano. Mantivemos algum contacto durante estes anos, ele entrou para o Partido Nazi, foi para a Gestapo. Também acho que eles são todos psicopatas, mas antes eles que os comunistas ou os judeus. O gajo pediu-me um favor e já me salvou a vida, que é que queres que eu faça?

Com António no trabalho, Maria sentia-se mal na sua própria casa, desejando a solidão em vez da companhia daquele hóspede. O dia chegou ao fim, o inspetor regressou a casa. Enquanto Maria preparava o jantar, os dois homens conversavam:

- *Mein freund** Ventura, consegui através de amigos no Partido, trazer comigo vários

* *Meu amigo*

objetos usados por eles que poderão ser vendidos como relíquias dentro de alguns anos por bom dinheiro, viver agora na Alemanha com aquilo em casa não é boa ideia e também quero deixar o país, corro muitos riscos, talvez vá para a América do Sul, se calhar até fico em Portugal. Consegui também alguns lingotes de ouro, que não trouxe comigo mas estão num lugar seguro. Se um dia conseguir fazer dinheiro, não me esqueço dos que me ajudaram, *natürlich*.*

- E vai guardar isso onde? – interrogou António Ventura.

- Aqui na quinta, está tudo numa das malas que trouxe da Alemanha, depois de ter pago a várias pessoas, claro. Não tem problema com isso, *richtig?***

- *Kein problem!****

Findo o jantar, os dois homens saíram para a noite, uma bela noite de Lua Cheia, com os seus encantos e temores. Os dois homens caminhavam pela Mata dos Medos, junto à arriba, caminhar sob o luar trazia-lhes memórias de manobras furtivas num tempo de guerreira camaradagem.

- Gosto de olhar para este espetáculo antes de ir para a cama. Inspira um certo medo, não acha? Dizem que a Lua enfeitiça as pessoas, chamam-lhe mesmo o feitiço da Lua – disse Ventura. E chegou-se à borda da falésia.

- Sim, é realmente maravilhoso.

Schneider juntou-se ao amigo português. Enquanto olhava começou a sentir-se

* *Naturalmente.* ** *certo?*

*** *Sem problema!*

estranho, sonolento, talvez fosse o tal feitiço.

Rapidamente, Ventura agarrou Schneider antes que este caísse da arriba. Com dificuldade, arrastou o pesado corpo do alemão vencido pelo soporífero, misturado com a bebida servida pelo amigo após o jantar, até junto a um carro estacionado previamente. Retirou tudo o que Schneider trazia consigo e meteu-o no carro, dirigindo-se a casa.

- Maria, vou imediatamente ao hospital, o gajo não se sentiu bem e desmaiou, venho logo que possa.

Ventura estacionou o carro junto à praia. Em cima da areia, um bote aguardava a próxima viagem ao mar. Ventura empurrou o bote em direção às águas calmas da Caparica. Remou até a uma distância conveniente e, com a Lua Cheia por testemunha, entregou ao mar o corpo do homem sem identificação que outrora foi seu amigo.

Horas mais tarde, a versão que Maria ouviu foi a de morte súbita, “o gajo já tinha tido enfartes, nunca teve cuidado, escusava era de ter acontecido comigo”.

O mar levou o cadáver, o tempo levou as memórias.

Naquele dia de Setembro de 2021, uma mulher parou na estrada olhando para aquelas ruínas. Lamentou o estado de incúria da estrada e de tudo à volta, “ainda por cima com uma vista destas”, pensou. Olhou de novo para o moinho em ruínas. Lembrou-se de uma viagem à Holanda em bravios tempos de juventude, sem saber

porquê tinha ficado fascinada por moinhos, desejou possuir um. Decidiu, então, adquirir o que restava deste, a janela e a porta teriam que estar viradas a oeste, para a linha do horizonte, a fronteira entre céu e o mar. Não fazia ideia do tempo que levaria a executar o trabalho que lhe foi encomendado, dias, semanas? Aproveitaria o tempo para tratar da aquisição do moinho. Achou que tudo se encaixava, como poucas vezes acontece. Regressou ao hotel e depois de alguns contactos telefónicos, marcou encontro com alguém que a poderia ajudar.

Com meia hora de atraso, um jovem adulto de fato cinzento entrou no café e sentou-se à mesa onde uma mulher de cabelos louros aguardava, impaciente.

- Dr. Teixeira.

- Sonya Barreto. O senhor está 30 minutos atrasado – retorquiu a mulher, sem se levantar.

- Lamento, mas sou uma pessoa muito ocupada e quem está interessado tem que esperar.

- Ah, sim? Estou interessada em adquirir e recuperar um moinho na zona dos Capuchos.

- Para que quer o moinho?

- Habitação.

- Aquilo é um monte de pedras. Não tem mais onde gastar dinheiro?

- Isso é problema meu, havendo dinheiro tudo se consegue. Quando estiver com a Rita Soares, darei conhecimento da sua atitude.

O jovem engoliu em seco, mas não desarmou:

- Dra. Rita Soares?

- Doutora? Ela é médica? E o senhor também é médico?

- N...não.

- Aqui em Portugal toda a gente é doutor... bem, terei de falar outra vez com a Rita para ver se arranja outra pessoa, é uma pena, ouvi dizer que a sua carreira política está em ascensão. No próximo ano haverá eleições autárquicas e a defesa do património também é um trunfo, até podia estar associado ao seu nome, mas não me parece. Passe bem.

E levantou-se.

- Calma, calma, não se vá embora.

Sonya olhou-o de lado.

- Peço imensa desculpa, não estou a habituado a lidar com pessoas assim, é mais com gente, digamos, vulgar...

- Refere-se aos contribuintes, aqueles que pagam o seu ordenado? Tem alguma coisa interessante para me dizer?

Depois de ouvir Teixeira atentamente, a mulher loura saiu do café confiante de que a compra do moinho seria concretizada. Voltou os pensamentos para o serviço que lhe tinha sido encomendado, iria avançar nessa mesma noite.

Sonya preferia as noites escuras para melhor se ocultar, mas tinha que apresentar resultados quanto antes, quem a contratou não era nem paciente nem compreensivo. Conduziu lentamente o automóvel, tentando reduzir ao mínimo o ruído de marcha, o luar acabou por lhe ser útil para ver as lombas e buracos na estrada de terra batida que esperava há décadas que a asfaltassem.

Estacionou numa curva à esquerda que terminava num caminho sem saída. Fechou a porta do carro o mais suavemente que pôde, olhou em redor, em passadas largas atingiu a quinta do outro lado da estrada, pulou o muro, agachou-se, aguardou uns segundos e começou a explorar a propriedade.

Uma a uma revistou todas as divisões da casa, procurando um qualquer indício do que procurava. Avançou para o exterior da habitação, entrou num anexo vazio e numa garagem sem carros. As dimensões da quinta tornavam difícil uma inspeção noturna, teria que o fazer à luz do dia, decidiu regressar ao hotel. Um nicho com a imagem de Nossa Senhora chamou-lhe a atenção, parou uns segundos, mas precisava de mais luz, teria que ser durante o dia. Os seus pensamentos foram interrompidos quando ouviu vozes e passos demasiado próximos e tratou de sair dali. Foi-se esgueirando pelas zonas menos batidas pelo luar e foi-se aproximando gradualmente do muro até que dois vultos saídos do meio do escuro lhe barraram o caminho.



(continua no próximo episódio, "A missão")

CAPUCHOS

Uma aguarela e um poema
de **Carlos Canhão**



*Entre o céu e a erva espigada
o casario estende-se
como tranquilo rio.
Entre o céu e a colina arborizada
estende-se o mar,
espelho do firmamento
já pouco iluminado.
Nos jovens pinheiros a passarada
procura o seu lugar
enquanto a noite se avizinha.
O seu intenso chilrear
eleva-se no ar tranquilo e morno
como clarim anunciando o recolher,
o fim do dia.*

AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS E O COP26

De **João Paulo Curto**

A casa está a arder...

... e ninguém sabe por onde andam os bombeiros. Aliás, nem sequer foram chamados. Parecemos o sapo que não sente a água a aquecer até ser demasiado tarde. Ou, como disse António Guterres na abertura da COP 26, “estamos a cavar a nossa própria sepultura. Basta de utilizar o mundo como uma casa de banho.”

Os primeiros dias de novembro foram marcados pela realização, em Glasgow, Escócia, da Conferência das Partes sobre Alterações Climáticas mais conhecida como COP, na sua 26ª edição. Alguém acredita que o COP 26 irá ter os resultados necessários?

As declarações de boas intenções e frases pomposas foram abundantes, as promessas, mais ou menos dilatadas no tempo, apareceram como notícia de capa e os abraços e congratulações dos participantes multiplicaram-se na proporcionalidade da sua ilusão e ineficiência. Enfim, apresentam-se como possíveis bombeiros mas na realidade ignoram o fogo.

O que está realmente em jogo?

Se o aumento da temperatura ultrapassar os 2º C, o número de secas severas e ondas violentas de calor multiplicar-se-ão. A precipitação será mais abundante noutras zonas. Os furacões mais frequentes, e subindo em latitude (dos trópicos para zonas temperadas cada vez mais afastadas).



Maiores inundações das zonas costeiras devido ao degelo. Extinção de muitas espécies e perda de biodiversidade. Aparecimento de novas doenças e de outras que julgávamos controladas geograficamente. Seguramente a perda de milhões de vidas e incalculáveis perdas materiais. A massificação de refugiados climáticos de zonas que, ou foram inundadas, ou foram desertificadas. E muito mais!

Antes da COP 26, a comunidade científica previa que os compromissos então assumidos levariam a um aquecimento global de 2,7º C antes do final do século. E muitos desses compromissos não foram cumpridos.

O sistema de arrefecimento do globo está avariado. O ártico, no verão, tem metade do gelo que havia há 40 anos. Os oceanos retêm a maioria do aquecimento, absorvendo mais de 90% do calor retido pelos GEE e poupando-nos a temperaturas escaldantes. Mas os oceanos e as criaturas que neles vivem estão a chegar ao seu limite. Estão a migrar para latitudes mais elevadas (para norte no hemisfério norte e para sul no hemisfério sul) o que irá

provocar enormes alterações.

O papel da ONU

A entidade que mais alertas fez sobre problemas ambientais e, em concreto, sobre o problema do aquecimento global é sem dúvida a Organização das Nações Unidas (ONU). O historial de eventos e conferências sobre o ambiente organizados pela ONU conta já com algumas décadas. Para entendermos o papel da ONU, temos de recuar à primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, no ano de 1972. Inaugurou as discussões internacionais sobre o ambiente.

O protocolo de Montreal, assinado em 1987, teve como objetivo a redução de gases clorofluorcarbonetos (CFC), responsáveis pela destruição da camada de ozono. Este foi o primeiro grande êxito internacional em matéria de ambiente, coordenado pela ONU.

Em 1988 foi criado o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC – da sua denominação em inglês *Intergovernmental panel on Climate Change*). Apesar das críticas, a qualidade do seu trabalho, que envolve milhares de reputados cientistas, valeu-lhe a atribuição do prémio Nobel da Paz em 2007.

Os primeiros acordos para a redução de emissão de gases com efeito de estufa (GEE) aparecem no Protocolo de Quioto, em 1997. Precedido de vários eventos, iniciados em Toronto, em 1988 e que culminaram com a ECO-92 no Rio de Janeiro, este tratado entrou em vigor

apenas em 2005. Como os Estados Unidos e outras nações poluentes ficaram de fora, percebe-se o pouco alcance prático deste protocolo.

Posteriormente realizou-se em Joanesburgo, África do Sul, a Rio+10 em 2002 (10 anos após a conferência do Rio). Esta conferência destacou-se por incluir uma dimensão social nas suas discussões, como a qualidade de vida das pessoas, a erradicação da pobreza, o uso da água ou o desenvolvimento sustentável.



Em 2012, no Rio de Janeiro, surgiu um dos maiores eventos realizados pelas Nações Unidas: a Rio+20, também designada a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável.

Um tema bastante discutido foi a Economia Verde, que significa um crescimento económico alternativo ao atual, ou seja, um modelo económico mais sustentável, com mais inclusão social, de baixo carbono e mais eficiente no uso de recursos naturais.

Em 2015 foi negociado o acordo de Paris, durante a COP-21 que teve o consenso de 195 países. Este acordo, que rege medidas de redução da emissão de gases com efeito de estufa (dióxido de carbono, metano e óxido nitroso, principalmente) entrou em vigor em 2016. O seu principal objetivo é limitar o aquecimento global abaixo dos 2 graus Celsius, preferencialmente 1,5, comparando com os níveis pré-industriais e de reforçar a capacidade dos países de responderem ao desafio, num contexto de desenvolvimento sustentável.

Os Estados Unidos, evidenciaram-se ao abandonarem o Acordo de Paris, durante a administração Trump, em 2017. São o segundo maior emissor de GEE, atrás da China. No entanto, em 2021, Joe Biden, recém-empossado presidente dos Estados Unidos, retornou o país ao Acordo de Paris, com a promessa de redução de emissões de GEE e a neutralidade carbónica em 2050.

Atualmente, já ninguém tem ilusões sobre a impossibilidade de limitar o aquecimento global em 1,5 graus celsius, segundo o Acordo de Paris.

O 12º relatório do Programa das Nações Unidas aponta para a retirada de apenas 7,5% das emissões de GEE, a nível global, quando, para se cumprir o objetivo de limitar o aquecimento a 1,5º C, a retirada de emissões deveria ser de 55%. E sem esquecer os ciclos de feedback (positivo) onde aquecimento gera mais aquecimento.

Interessa não confundir neutralidade carbónica com o de carbono zero. Carbono zero é um conceito quase inalcançável. Significa que um bem ou serviço foi

produzido sem a libertação de dióxido de carbono (CO₂). Basta-nos lembrar que até o processo biológico da respiração liberta CO₂.

A neutralidade carbónica significa que as emissões que uma entidade (empresa, organização, indivíduo, produto ou serviço) produz foram equilibradas. O objetivo é que a soma de todos os gases de efeito estufa que qualquer entidade coloca e retira da atmosfera, seja equilibrada a zero.

E como se pode retirar o CO₂ da atmosfera? Através das florestas e determinados usos do solo, sumidouros naturais do carbono, para além de tecnologia, ainda a um preço elevado. Portanto essas entidades devem compensar com a florestação, apoios a medidas ambientais ou pela compra de créditos de carbono a outras entidades.



Finalmente chegámos à COP 26 que decorreu em Glasgow, nos primeiros 12 dias de novembro de 2021.

A sua importância pode ser sintetizada nas palavras de António Guterres, Secretário Geral da ONU “a COP 26 é um marco crítico nos esforços para evitar uma catástrofe climática”.

Sir David Attenborough lembrou aos participantes no COP 26 que “tudo se resume ao número de moléculas de CO₂ concentradas na atmosfera medidas em partes por milhão (ppm)”.

Antes da revolução industrial havia 260 ppm. Em 2019 era de 414 ppm e em 2021 é de 415 ppm. Foram ultrapassados os níveis pré-pandemia o que significa um aumento inesperado de emissões de CO₂. Os principais emissores de CO₂ como a China (31% das emissões globais de CO₂), os EUA (14%), a EU (7%) e a Índia (7%) preveem um aumento nas suas emissões, em grande parte devido aos pacotes de estímulo à sua economia.

Certamente que foram dados passos importantes para a limitação de emissões de GEE. Acabar com a desflorestação até 2030, reduzir as emissões de CO₂ e de metano, ajudar os países em desenvolvimento na transição para a descarbonização, acabar com os financiamentos governamentais à utilização, primeiro do carvão e depois de outras energias fósseis, apostar mais nas energias renováveis, disponibilizar verbas necessárias para estes processos, entre outros.

Mas voltamos à questão inicial: alguém acredita que a COP 26 irá ter os resultados necessários? Os especialistas saúdam estes acordos, os políticos congratulam-se com os resultados alcançados, os média referem-se a eles como acordos históricos, muitas entidades dizem-se prontas a apoiar financeira e tecnologicamente, as empresas poluidoras disfarçam-se em empresas verdes, mas... os jovens não acreditam. Como afirma Carlos Pimenta (ex. secretário de Estado do Ambiente) ou Viriato Soromenho Marques, reconhecendo a justeza da indignação dos jovens, encabeçados por Greta Thunberg,

“já perceberam que é impossível mudar o sistema por dentro. Que os jovens, no fundo, estão sozinhos”.



Basta perceber que mais de 500 lobistas participaram na COP 26, pagos por empresas petrolíferas, do gás e do carvão, numa ação de “greenwashing” (empresas altamente poluidoras que tentam passar para a opinião pública a imagem de empresas verdes e amigas do ambiente). No fundo, tudo se resume a uma questão económica: os países desenvolvidos têm de investir para alcançarem a neutralidade carbónica e ajudar os países em desenvolvimento a atingirem este objetivo.

E a sociedade também tem o seu papel. Termos uma vida o mais neutra possível em carbono deverá ser um objetivo individual. E com pequenas ações como repensar a forma como nos deslocamos, reduzir a carne na alimentação, revender ou doar objetos que já não precisamos, comprar roupa em segunda mão sempre que possível, reduzir o plástico de utilização única. Afinal todos vivemos neste planeta e não há planeta B.

Fontes:

- UNRIC
- Global Carbon Project
- Wikipédia
- Jornal “Público”
- Imagem pt.linkedin.com/pulse/greenwashing-ou-maquagem-e-istoe.com.br

Sempre chegamos a onde somos esperados...

De Um Morador

A frase de José Saramago que nos serve de título resume na perfeição o tema deste pequeno conto de origem persa, atribuído a Fariduddin Attar, que aqui transcrevemos, tal como pode ser encontrado no livro de Jean-Claude Carrière - “Tertúlia de mentirosos – Contos Filosóficos do Mundo Inteiro”.

Uma manhã, o califa de uma grande cidade viu chegar o seu primeiro vizir num estado de grande agitação. Perguntou as razões desta aparente inquietação e o vizir disse-lhe:

- Suplico-te, deixa-me sair da cidade ainda hoje.

- Porquê?

- Esta manhã, ao atravessar a praça para vir ao palácio, senti que me batiam no ombro. Voltei-me e vi a morte que me olhava fixamente.

- A morte?

- Sim, a morte. Reconheci-a logo, toda vestida de negro com um xaile vermelho. Está cá e olhou para mim para me meter medo. Procura-me, tenho a certeza. Deixa-me sair da cidade neste mesmo instante. Levo o meu melhor cavalo e posso chegar esta noite a Samarcanda.

- Seria mesmo a morte? Tens a certeza?

- Absoluta. Vi-a como te vejo a ti. Tenho a certeza de que tu és tu e tenho a certeza de que ela era ela. Deixa-me partir, peço-te.

O califa, que tinha afeto pelo seu vizir, deixou-o partir. O homem voltou a sua casa, selou o melhor dos seus cavalos e transpôs a galope uma das portas da cidade, em direção a Samarcanda.

Um pouco mais tarde, o califa, atormentado por um pensamento secreto, decidiu disfarçar-se, como por vezes fazia, e sair do seu palácio. Sozinho, dirigiu-se à grande praça. No meio dos ruídos do mercado, procurou a morte com o olhar e

avistou-a, reconheceu-a. O vizir não se tinha enganado. Tratava-se realmente da morte, alta e magra, de negro vestida, o rosto meio dissimulado sob um xaile de algodão vermelho. Ia de um grupo para outro, no mercado, sem que dessem por ela, a florando com um dedo o ombro do homem que montava a sua tenda, tocando no braço de uma mulher carregada de hortelã, evitando uma criança que corria para ela.

O califa dirigiu-se à morte. Esta reconheceu-o imediatamente, apesar do disfarce, e inclinou-se em sinal de respeito.

- Tenho uma pergunta a fazer-te – disse-lhe o califa, em voz baixa.

- Escuto.

- O meu primeiro vizir é um homem ainda novo, de boa saúde, eficaz e provavelmente honesto. Porque é que esta manhã, quando ele vinha para o palácio, lhe tocaste e o assustaste? Porque o olhaste com ar ameaçador?

A morte pareceu ligeiramente surpresa e respondeu ao califa:

- Não queria assustá-lo. Não o olhei com um ar ameaçador. Simplesmente, quando chocámos por acaso na multidão e o reconheci, não pude esconder o meu espanto, o que ele deve ter tomado por ameaça.

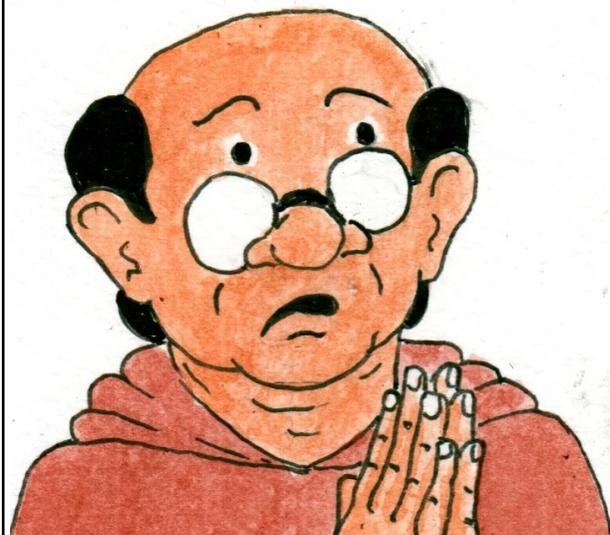
- Espanto porquê? – perguntou o califa.

- Porque – respondeu a morte – não esperava vê-lo aqui. Tenho um encontro com ele esta noite em Samarcanda.

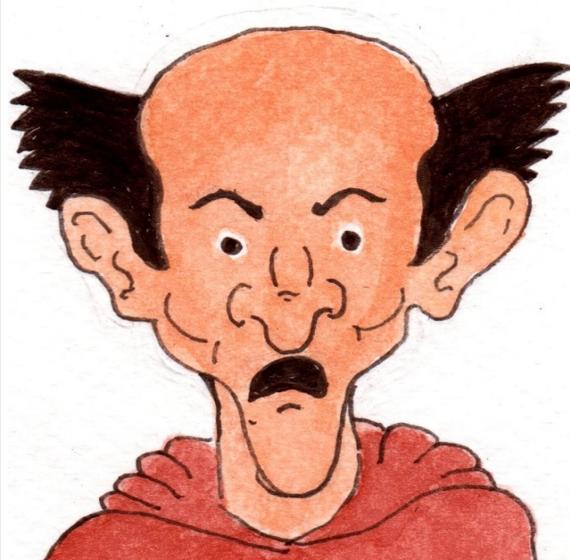
FREI FORTUNATO E FREI SIMPLÍCIO

O sonho

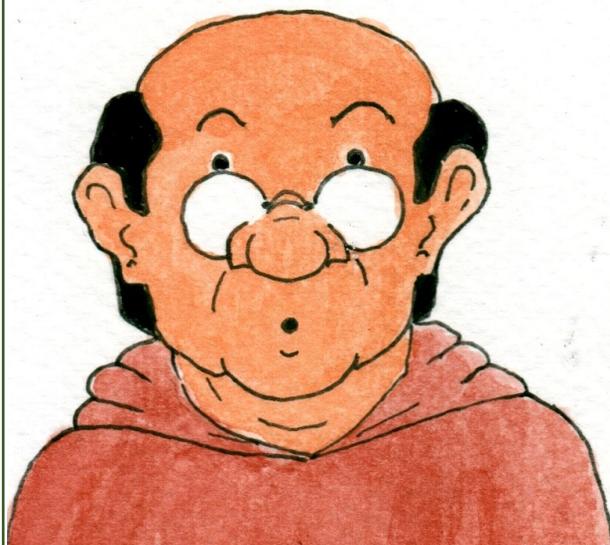
Irmão! Toda a noite sonhei que estava na capela a rezar pelo arranjo da nossa estradinha...



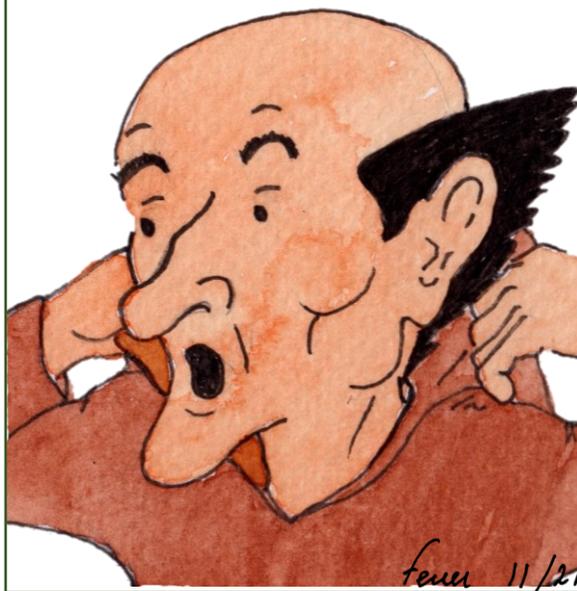
Pois eu sonhei que passámos a noite a arranjar a estrada!



Ah!... E eu também lá estava?



Não! Tu estavas na capela, a rezar!...





O “ARRIBA” é propriedade e edição da **Associação de Moradores dos Capuchos**.
Publicação trimestral gratuita. Distribuição por e-mail.

Contactos: <https://moradorescapuchos.wixsite.com/capuchos>

Facebook: <https://www.facebook.com/AMC-Associação-de-Moradores-dos-Capuchos-426610328116880/>

E-mail: associacaomoradorescapuchos@gmail.com